

Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 151000
Título: Laser nos socalcos do Douro					Temática: Gestão/Economia/Negócios	GRP: 7.4
2006/12/01	EXPRESSO – ECONOMIA	Pág.19	Imagem: 1/1		Periodicidade: Semanal	Inv.: 20750.00



No Douro, o desafio é potenciar a excelência das uvas sem beliscar a beleza e a autenticidade da paisagem classificada como Património Mundial

Tecnologia Na quinta de Vargellas, a Taylor's aplica uma técnica revolucionária que combina a modernidade com a preservação da paisagem vinhateira. Os patamares são construídos com ajuda de um sistema de «laser»

Laser nos socacos do Douro

Texto **ABÍLIO FERREIRA**
Foto **RUI DUARTE SILVA**

O rigor é mais caro, mas compensa. O agrónomo duriense António Magalhães não se cansa de repetir o lema, enquanto explica o sistema revolucionário, com recurso a «laser», de construção e drenagem dos patamares. Ele tem a seu cargo os 1,2 milhões de pés videiras do universo Fladgate Partnership (Taylor's, Croft, Delaforce e Fonseca) que segue regularmente no terreno e no seu computador.

O engenheiro aprendeu a gostar da chuva pelo lado da necessidade, mas sabe que, numa viticultura de montanha como a do Douro, ela está no centro de um problema — a erosão dos solos e das encostas. Há uns anos, numa visita técnica a uma exploração de Napa Valley, na Califórnia, descobriu o modelo ideal para a instalação de vinhedos em terreno de acentuado declive. A tecnologia «laser» permitia construir os patamares com a inclinação desejada, sem erros de percurso, viabilizando o rápido escoamento da chuva no caso de forte intempérie. No Douro, convocou os habituais operadores de «bulldozer», mas só um não negou à partida uma ajuda precisa à sua aplicação no Alto Douro. Em Vargellas e na Roêda, duas das quintas emblemáticas do grupo com

desníveis da ordem dos 300 metros, a replantação de vinhas nos socacos utiliza um equipamento especial, em que o manobrador regula a lâmina segundo as indicações de um sistema de «laser» giratório que garante uma inclinação longitudinal constante e precisa de 3%. O excesso de água é encaminhado para caixas de drenagem e entubado até a fundo da encosta.

No Douro, orgulham-se deste «reino maravilhoso» de que falava Torga ser o sítio mais duro e difícil do mundo para fazer vinho, marcado por uma paisagem que Cortesão classificou de «mais belo e doloroso monumento ao trabalho do povo». É a viticultura de montanha no seu esplendor, uma obra

colectiva em que o braço humano venceu, noutras épocas, encostas íngremes e pedregosas. Na era da mecanização, o desafio é potenciar a excelência das uvas, sem beliscar a beleza e autenticidade da paisagem vinhateira justamente declarada como Património Mundial. Mas algumas intervenções revelaram-se perniciosas. António Magalhães lamenta que a mecanização das tarefas se tenha «sobreposto à defesa da erosão», levando à destruição dos patamares, e partiu à descoberta de um modelo que enaltece as virtudes da região e contribui para uma viticultura rentável.

Neste Outono, os dias de sol são aproveitados para replantar as encostas e

substituir as vinhas velhas. O método depende do declive. No caso de ser inferior a 35%, a Taylor's recorre às «vinhas ao alto», segundo as linhas de maior declive. Nos terrenos mais íngremes, vintam os patamares estreitos com uma única linha de plantação. Nos dois casos, o relvamento adequado (a preferência recai na aveia, estreme e ervilha) das vinhas é um factor complementar na defesa da erosão.

António Magalhães contesta o «modelo desastroso» dominante que se traduz na construção de terraços irregulares, com duas linhas de videiras, forçando a limpeza química dos taludes.

O seu rigor é mais caro, mas induz benefícios silenciosos que se reflectem na

qualidade do vinho — garante uma drenagem eficiente, evita o recurso a herbicidas e pesticidas e garante uma viticultura amiga do ambiente. Uma viticultura ecológica que combina modernidade com preservação da paisagem, com a dupla vantagem de respeitar as regras e o espírito da UNESCO e contribuir para a qualidade do vinho. A ameaça à paisagem cultural não reside apenas nos projectos urbanísticos e sucatas selvagens. Radica em aspectos menos visíveis em que poucos reparam, como a alteração das vinhas, os novos plantios, os socacos destruídos, os muros tradicionais de xisto desgastados ou a falta de respeito pelas linhas de água.

A nova viticultura de encosta assenta numa trilogia — protecção do solo à erosão, a escolha e distribuição das castas e a condução das videiras. A simplificação das tarefas vitícolas é mais importante do que a sua mecanização. O modelo de António Magalhães, que será aplicado pelos 70 viticultores que fornecem a companhia, facilita a tarefa a David Guimarães, o director de enologia da Taylor's Fladgate. Os melhores vinhos exigem os melhores frutos.

A Taylor's Fladgate é a única casa exportadora que não enveredou pela produção de vinhos de mesa, concentrando-se no Porto. O seu director-geral, Adrian Bridge, considera a diversificação um erro e receta que a colagem do vinho do Porto à promoção dos vinhos de mesa prejudique «a imagem do nosso néctar». «O Vinho do Porto é único, os vinhos de mesa são produzidos em todo o mundo», costuma argumentar.

Adrian Bridge acredita que o crescimento das exportações passa pelas categorias especiais — o seu grupo representa um terço neste segmento.



Adrian Bridge, director-geral

Fundada em 1692 por Job Bearsley, a Taylor's é a última das originais casas inglesas que se mantêm nos descendentes dos fundadores. Foi a primeira a comercializar vinhos de Single Quinta, com uvas de Vargellas.

A Taylor's foi a primeira casa exportadora a comprar uma quinta no Douro, em 1744, entre a Régua e o Pinhão. Nas invasões napoleónicas, A Quinta dos Alambrigos seria utilizada como hospital pelas tropas do duque de Wellington por ter uma nascente de água.

A Quinta da Roêda foi dada por John Fladgate, em 1875, como dote de casamento da sua filha com Charles Croft, passando para o grupo rival. Regressou às origens em 2001, através da aquisição da Croft. John fora nomeado barão da Roêda pela sua acção no combate à filoxera. A baronesa fora uma das sobreviventes no naufrágio da Valeira em que morreu o barão Forrester.

A Quinta de Vargellas (115 hectares em anfitheatro) é a mais admirável de entre as nove propriedades do grupo Fladgate. Adjacente a Vargellas encontra-se a Quinta de S. Xisto, na aldeia que ficou deserta depois de um triplo crime envolvendo os últimos dois casais. A aldeia está a ser comprada por um industrial de Aveiro que a deixara em miúdo.